

VÍNCULOS AFETIVOS EM IDOSOS, EM CONTEXTOS DISTINTOS DE DESENVOLVIMENTO

Stella Crivelenti Vilar (1); Katia de Souza Amorim (2)
Universidade de São Paulo - scvilar@usp.br/katiamorim@usp.br

Resumo: A pesquisa em Psicologia voltada ao envelhecimento é relativamente recente, concentrando-se inicialmente principalmente nos aspectos cognitivos, em uma perspectiva de avaliação e compensação das perdas. O olhar voltado ao envelhecimento, nessa área, foi fortemente marcado por teorias que o consideravam um período de declínio, no qual o desenvolvimento ficaria estagnado. O tema da afetividade e dos vínculos em pesquisas com idosos encontra-se em expansão, tanto em âmbito internacional quanto nacional, sendo a grande maioria dos trabalhos nessa temática voltados a aspectos quantitativos das redes sociais, ou em uma perspectiva da teoria do Apego. A proposta do presente pesquisa foi, a partir do mapeamento da rede social de alguns idosos, buscar aprofundar aspectos qualitativos de seus vínculos. O método traçado foi de estudo de casos múltiplos, de natureza exploratória, sendo os participantes provenientes de dois contextos: uma instituição de longa permanência e um centro de convivência. O intuito foi desvelar os distintos discursos que permeiam os contextos escolhidos, em uma perspectiva dialógica e sócio-histórica, baseada na teoria da *Rede de Significações*, de modo a dar voz às distintas formas de envelhecer, entendendo algumas das diferenças em seus processos de vinculação. Encontrou-se que os contextos da institucionalização e vida em comunidade são circunscritores para os processos de (des)vinculação dos idosos não de maneira isolada, mas à medida em que se combinam com aspectos das histórias de vida. Dessa forma, propiciam a ressignificação de vínculos, a manutenção e constituição destes na vida dos idosos.

Palavras-chave: envelhecimento; vínculos; instituição de longa permanência;

Introdução

Ao final dos anos 1990, a Organização Mundial de Saúde cunhou o conceito “envelhecimento ativo” (WHO, 2005), que propõe um olhar à população idosa voltado à promoção de saúde e, portanto, à maximização dos recursos e potencialidades individuais e sociais de modo a propiciar um processo saudável de envelhecimento. Essa nova perspectiva teve impacto sobre os estudos na área, estando intimamente relacionada aos novos paradigmas na Psicologia do Desenvolvimento, que concebem o envelhecimento enquanto um conjunto de processos psicossociais, de maneira integral, ressaltando-se as potencialidades, em detrimento de uma visão exclusiva de declínio. O grande diferencial dessa visão é levar em conta não apenas os aspectos biológicos, mas também psicossociais (BALTES, 1998; ERIKSON, 1976). A mudança no paradigma se deve principalmente aos desafios que o envelhecimento populacional coloca à Psicologia: as teorias existentes mostraram-se inviáveis para explicar a complexidade do fenômeno do envelhecimento na atualidade (NERI, 2004).

No Brasil, destaca Neri (2004), nas primeiras décadas de pesquisa a respeito do envelhecimento, a produção científica sobre o tema se debruçava principalmente sobre questões cognitivas, em detrimento de estudos sobre outros aspectos. Ela afirma que, no entanto, na última década, as temáticas em relação à velhice têm se expandido para áreas como redes sociais de idosos, afetividade e relações interpessoais, seguindo tendências internacionais na área. O tema das relações interpessoais e afetivas destaca-se como emergente na pesquisa em gerontologia e áreas afins, sendo uma das principais vias que têm diversificado o campo internacionalmente. Trata-se de uma temática que possibilita a ampliação do olhar para a população idosa para além do discurso do envelhecimento como declínio, legitimando e investigando a potencialidade dos idosos em permanecerem socialmente ativos.

As relações sociais e vinculares dos idosos têm sido exploradas pela literatura científica sob diversos enfoques. Dois são mais frequentes. Um deles trata da perda dos vínculos e dos processos de luto; e, o outro trata do vínculo com seus cuidadores, em geral sob a perspectiva de sobrecarga do cuidador (BOCCHI et al., 2010; JOFRÉ ARAVENA; ALVARADO, 2010; SHERIDAN et al., 2014). Tratam-se de olhares, portanto, que ressaltam a descontinuidade dos vínculos no envelhecimento, bem como a dependência e a necessidade de cuidados por parte dos idosos.

No entanto, a literatura tem demonstrado que a manutenção e construção dos vínculos têm importante impacto na prevenção de morbidades e da própria institucionalização, além de afetar a qualidade de vida dos idosos de modo geral. A primeira perspectiva tece um olhar sobre os idosos como passivos diante das contingências; e, a segunda demonstra a busca por compreendê-los como ativos em seu processo de envelhecimento, com uma vida social e uma continuidade de relações e manifestações afetivas mesmo em idades bastante avançadas.

Sobre a vinculação interpessoal dos idosos, podem-se distinguir duas vertentes teóricas principais na literatura: a) autores que se remetem a Bowlby (1969/1990) e a autores que investigam o campo a partir da Teoria do Apego (como VAN ASSCHE et al., 2013); e, os trabalhos cujo enfoque é o conceito de rede social (como FIORI; ANTONUCCI, 2007; RODRIGUES, SILVA, 2013). O cerne da diferenciação entre tais abordagens é a discussão a respeito dos fatores determinantes da vinculação: seriam eles de ordem interna, como características de personalidade (estilo de apego seguro ou inseguro?) ou de ordem externa (extensão e qualidade da rede social, por exemplo)? Os teóricos do Apego, apesar de atentarem-se à potencialidade do desenvolvimento na velhice, afirmando a possibilidade de construção de novos vínculos, e não apenas destacando as perdas, no geral, eles mantêm a questão centrada em aspectos internos e pouco dinâmicos. Assim,

tratam do estilo de apego individual e das configurações das díades relacionais entre o idoso e cada figura de apego em específico. Esses pesquisadores não problematizam, por exemplo, as influências dos múltiplos contextos de vida e a existência das distintas velhices, entre outros, traçando uma relativa homogeneização da faixa etária.

O conceito de Apego, como discutido por Kalish e Knudson (1976), porém, abarca a dimensão de “força” da ligação afetiva, uma dimensão mais qualitativa portanto, se comparada à visão de rede social. Esses autores defendem que o uso do conceito de Apego amplia a compreensão da afetividade dos idosos em suas nuances, favorecendo o distanciamento do preconceito quantitativo de perda dos vínculos. Os autores, remontando à teoria de Bowlby, apontam ainda que o vínculo, após a infância, e principalmente na idade avançada, não ocorre apenas no nível interpessoal, mas também com animais de estimação, lugares, objetos e também “abstrações”, tais como valores e ideias (KALISH; KNUDSON, idem). Amplia-se, assim, a concepção de vínculo e se atenta para a importância dessa conceituação, que não é estanque, mas dinâmica. A perspectiva da rede social, mostra-se, à primeira vista, mais dinâmica e passível de uma análise complexa, se comparada à utilização do conceito de Apego. A maioria dos estudos nessa perspectiva, no entanto, baseia-se em metodologias quantitativas, verificando aspectos estruturais e funcionais das redes sociais, sem oferecer uma compreensão aprofundada das relações, acabando por tratar a situação a partir de uma configuração genérica dessas redes na vida dos idosos. Constata-se, em diversos estudos, que a mensuração da densidade da rede social dessa população não é determinante para a compreensão da qualidade de seus vínculos e que o contexto no qual se inserem exerce considerável influência para a formatação dessa vinculação.

A noção de rede social tem sido muito utilizada nos países em desenvolvimento no estudo do envelhecimento humano, auxiliando na compreensão do apoio social em nível macro, que a sociedade oferece aos idosos de maneira geral. Pode-se entender, ainda, ao se tratar das redes sociais, as diferentes funções das distintas relações estabelecidas pelos indivíduos, não apenas com foco nas relações afetivas de cada díade específica (LEWIS, 2005). Entende-se, assim, a importância da noção de rede social para uma maior compreensão das condições de vida e do contexto em que os idosos se inserem, evitando assim uma homogeneização desse período da vida.

Análise do conjunto de trabalhos na área das relações afetivas apontam, assim, à necessidade de um olhar mais abrangente aos aspectos qualitativos dos vínculos e às condições de vida dos idosos, examinando ao mesmo tempo em maior profundidade o contexto do qual os idosos provêm e as relações estabelecidas em suas nuances. Depreendeu-se, dessa forma, a importância de se

estudar distintos contextos, não apenas para destacar a influência destes sobre as formas de vinculação da população idosa, mas para explorar a pluralidade das maneiras de envelhecer. Dado que não se compreende vínculo de forma consensual na literatura, essa noção também foi problematizada, sendo relevantes tanto os conceitos de apego e rede social no diálogo teórico.

Dado que adotamos uma concepção de desenvolvimento humano que se estende para além de marcadores biológicos e, portanto, para além da idade cronológica, entendemos o risco de cairmos em uma generalização fictícia da faixa etária em questão. Optou-se, assim, por um estudo qualitativo, buscando-se compreender os vínculos formados por idosos provenientes de dois contextos distintos: um centro de convivência e uma instituição de longa permanência para idosos.

A escolha dos contextos se deu mediante uma revisão da legislação brasileira em suas políticas para a população idosa: tratam-se, assim, de dois tipos de políticas preconizadas e incentivadas pelo governo para os cidadãos acima de 60 anos: uma delas voltada à socialização e participação do idoso na vida em comunidade (os centros de convivência); e, a outra voltada para os cuidados intensivos de idosos em condições de maior dependência de cuidados (as instituições de longa permanência). Outro critério para a escolha desses dois contextos se relaciona ao objetivo de investigar as potencialidades e os circunscritores dos vínculos em diferentes contextos de desenvolvimento, em que pesem a institucionalização e a vida em comunidade.

Metodologia

Considerando-se o objetivo traçado, foi realizada uma investigação de cunho qualitativo, com delineamento de estudo de casos múltiplos.

Foram entrevistados idosos de cada contexto apontado (um centro de convivência e uma instituição de longa permanência para idosos). Os critérios de seleção dos participantes obedeceram à aleatoriedade e a critérios por fatores etários. Atentou-se à precaução de que todos os participantes estivessem em condições cognitivas de compreender, através da leitura ou da explicação verbal, os objetivos do estudo e, sendo assim, de consentir com sua participação na pesquisa.

O critério da faixa etária foi definido tendo-se como base a expectativa de vida no Brasil, de 74,9 anos, segundo o IBGE (2013). Além disso, tomou-se como base os 70 anos de idade como marco legal estabelecido para a aposentadoria compulsória de servidores públicos, de acordo com o Art. 40 da Constituição Federal (BRASIL, 1988). Sendo assim, 70 anos foi considerada a idade

mínima, não havendo idade máxima para inclusão de idosos no presente estudo. Em cada contexto, foram selecionados participantes de ambos os sexos.

Foram entrevistados três moradores da instituição de longa permanência e duas usuárias do centro de convivência. Os moradores são: Madalena (71 anos), ex-empregada doméstica, solteira; Lázaro (83 anos), casado, professor primário aposentado; e João (80 anos), solteiro, vendedor ambulante aposentado. As participantes usuárias do centro de convivência são: Esmeralda (73 anos), viúva, ex-trabalhadora rural, aposentada e dona de casa; e Ana (79 anos), viúva, dona de casa. Foram utilizados nomes fictícios para todos os participantes. Os contextos escolhidos para a seleção dos participantes, ambas organizações filantrópicas, representaram circunscritores à amostra: tratam-se de idosos provenientes das camadas populares.

Como estratégia de coleta de dados para se investigar o objetivo proposto, adotou-se a entrevista semiestruturada ou “focalizada” (MARCONI; LAKATOS, 2010; COSBY, 2003) como principal instrumento, aliada à aplicação do "Diagrama da Escolta", (ANTONUCCI; AKIYAMA, 1987, adaptado no Brasil por PAULA-COUTO et al., 2008), além da observação dos contextos escolhidos, realizando-se registros em notas de campo. O diagrama se trata de um disparador para falas a respeito dos vínculos interpessoais. Há quatro quadrantes, em relação aos quais são destacados os principais contextos de que participa o entrevistado. Os campos são preenchidos, juntamente com o pesquisador, alocando em três círculos concêntricos os nomes das pessoas afetivamente mais próximas às mais distantes, consideradas importantes (tanto positiva, como negativamente) pelo participante, como no esquema abaixo, que contém as questões para sua confecção:

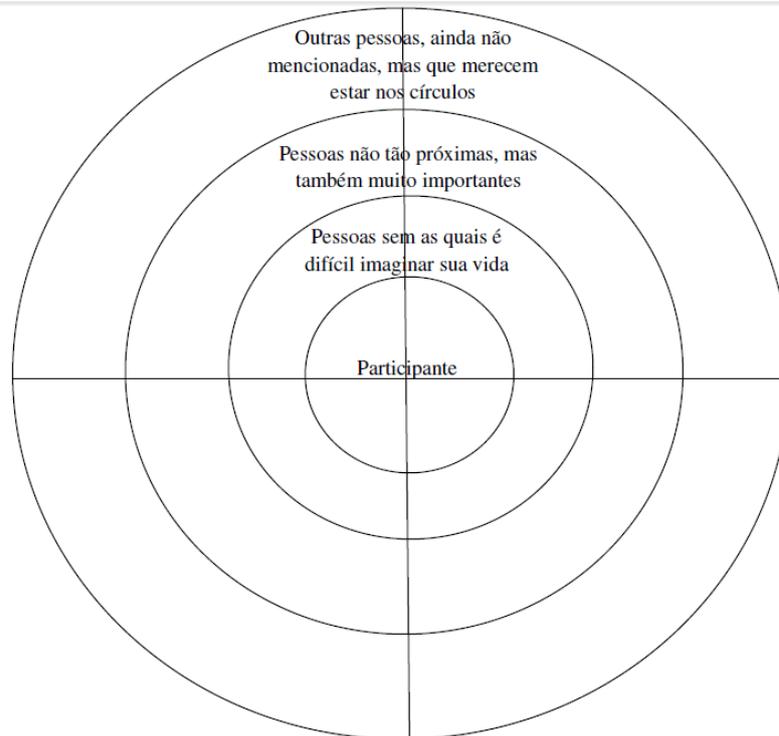


Figura 1 - Diagrama da Escolta

A análise de dados, bem como a concepção geral da pesquisa, baseou-se na perspectiva teórico-metodológica da Rede de Significações (*RedSig*), proposta por Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva (2004). De embasamento histórico-cultural e dialogando com autores como Vygotsky, Wallon e Bakhtin, esta teoria propõe que o desenvolvimento se dá ao longo de todo o ciclo vital, dentro de processos dialógicos e dialéticos, em que meio e indivíduo se interinfluenciam e se coconstroem a todo o tempo. A concepção defendida é de que os múltiplos contextos de vida e os discursos sociais contribuem para circunscrever o processo de desenvolvimento, tanto possibilitando como restringindo caminhos. E, ao mesmo tempo, ao se tratar de um processo dialético, entende-se que as pessoas contribuem ativamente para a circunscrição das redes que tecerão seu próprio desenvolvimento e de outros. A máxima “o ser humano é relação” (p. 28) explicita a ideia central das autoras, da importância das interações sociais para a própria construção identitária e, mesmo, das construções afetivas. A *RedSig* ainda propõe uma discussão aprofundada sobre a indissociabilidade do contexto nos processos de desenvolvimento. Tais conceitos possibilitariam, portanto, maior amplitude e complexificação da discussão das relações afetivas em idosos.

Resultados

A população entrevistada compõe uma geração nascida entre as décadas de 1930 e 1950, atravessando o período de início de uma maior urbanização do país. Todos os relatos obtidos até o momento evidenciam marcadamente que os entrevistados habitaram o meio rural e foram impactados pelo processo de urbanização. A migração regional, o trabalho braçal rural e a demarcação entre vida no campo e vida na cidade perpassam todas as entrevistas, delineando o contexto macrossocial em que ocorrem os processos de desenvolvimento dos participantes, incluindo-se das relações afetivas.

Como tendência geral das falas em ambos os contextos, notou-se que todos os participantes consideram os membros da família como os vínculos mais próximos e, ao mesmo tempo, são aqueles com quem os conflitos são mais mencionados, confirmando o que aponta Debert (1999): a família é um ambiente onde naturalmente está presente o conflito entre gêneros e gerações, não sendo necessariamente o local de proteção máxima que se idealiza. Essas relações contraditórias na vida em família estão expressas na fala dos participantes, claramente expressa na fala de Esmeralda (73), usuária do centro de convivência: *"Não é toda família, eu acho que cê sabe disso, né... eu acho que não é todas mãe, todos filhos que dá muito bem não, viu... Só que eu dou bem com eles tudo... Às vez fala umas coisa que a gente fica magoado, né, que ninguém é perfeito. Acho que não tem ninguém perfeito... Mas, aqui, passou aquela hora, acabou."*

Aponta-se que os participantes provenientes da instituição de longa permanência têm tendência a relatarem com mais ênfase os vínculos passados do que os vínculos atuais. O morador Lázaro, por exemplo, iniciou a entrevista contando a história de seus avós e relata que conversa em sonhos com os pais, já falecidos. Questionado, na confecção do diagrama, sobre as pessoas sem as quais não se imagina vivendo, logo questiona *"vivo ou morto?"*, mencionando em seguida os pais. Apesar de as mesmas questões terem sido propostas aos participantes de ambos os contextos, já os usuários do centro de convivência mantêm o foco da entrevista em suas relações atuais. A entrevistada Esmeralda, participante do centro de convivência, por exemplo, conta bastante de seu cotidiano e da convivência com os membros da família que moram com ela, além de sua participação nas atividades da igreja.

Notou-se ainda como os contextos operam de forma distinta para cada idoso – os circunscritores do desenvolvimento não são exclusivamente determinados pelos contextos em que se encontram, mas se reconfiguram quando entrelaçados com os aspectos da história de vida da pessoa. Assim, a entrada na instituição, por exemplo, propiciou aos moradores entrevistados ressignificação de seus vínculos, manutenção e constituição de novos. Para o morador Lázaro, que

sofria maus-tratos por parte da companheira, passar a morar na instituição possibilitou o sentido de proteção: *“Ela [a esposa] me batia. Eu era muito raquítico, muito magrinho, quase morria! Quando Deus [não] quer, não morre. Aí, a minha vida foi isso aí, sempre! Agora não... Agora tô bem de vida, graças a Deus!”*.

Para a moradora Madalena, morar na instituição possibilitou que ela ainda atuasse no trabalho doméstico, ela passando a auxiliar no cuidado da própria casa de repouso, mantendo o vínculo com a atividade profissional que exercera quando mais nova, perpetuando o papel social marcadamente feminino, de cuidados com a casa que marcaram sua vida: *“Aí, quando eu posso, que eu não tô boa, eu assim, lavo um quintal (...). Ninguém manda, às vez elas fica até brava comigo. Mas é eu que gosto de movimentar, né, pra distrair...”*. Dessa forma, o ambiente de instituição e acolhimento integral, usualmente considerado como local de abandono e maus-tratos, é visto de forma diferenciada por alguns dos participantes, sendo considerado como contexto que possibilitou refazer vínculos ou reatualizá-los.

Em relação à família, o tom difere entre os participantes de acordo com o gênero: mulheres são mais sutis ao tratarem dos aspectos negativos dos vínculos familiares, não falando diretamente dos conflitos vivenciados: *“quem sabe se meu filho mais velho ainda estivesse vivo, talvez fosse diferente, eu não estaria aqui! Com a minha filha é mais difícil...”*, menciona a participante Madalena, moradora da instituição, ao declarar a dificuldade de conviver com sua única filha. O morador Lázaro, ao se referir à esposa, aponta os problemas conjugais de maneira mais direta: *“nunca vi mulher tão rude na minha vida! Aqui eu to muito bem sem ela, nem chamo pra visitar, ela vem porque ela quer”*.

Notou-se, ainda, a busca de novos vínculos como forma de atualização de vínculos do passado. Dessa forma, diante do novo contexto de vida em que se encontra, Esmeralda (do centro de convivência) relata fatos que demonstram como sua associação a uma nova religião tem servido como uma maneira de reatualizar valores e ligações aprendidos na infância. Sua aproximação com determinada religião parece ter favorecido seu vínculo com valores a respeito de papéis de gênero, sexualidade e moralidade: *“As minhas filha mesmo, muitas já casou grávida. Na minha terra pelo menos, no meu tempo, isso não usava. Minha família não usava”*. Em outro momento, ela diz, *“na igreja a gente não usa calça, só saia. E pra baixo do joelho, ainda.”*

Discussão

Em concordância com a literatura apresentada, os resultados obtidos vão ao encontro da noção de que os vínculos na idade avançada não são apenas interpessoais, mas há vinculação a objetos, ideias, valores e, inclusive, papéis sociais (KALISH; KNUDSON, 1976). Nessa segunda acepção, da vinculação a abstrações e valores internalizados, pode-se entender o vínculo como constituinte da história de vida e mediador de aspectos da identidade dos idosos. Madalena, por exemplo, consegue manter sua identidade e papel social ao poder auxiliar no trabalho de limpeza dentro da instituição, compreendendo-se, assim, ainda ativa de alguma forma, afastando de si a identidade de idosa dependente. Esmeralda, ao se aproximar de uma nova religião, mantém sua crença nos valores de moralidade ligados a papéis de gênero que aprendeu na infância, conservando assim esse aspecto identitário.

Ainda na literatura, em estudos empíricos notadamente, tende-se a considerar os vínculos principalmente em seus aspectos positivos, em detrimento dos aspectos negativos (FIORI; ANTONUCCI, 2007; RODRIGUES; SILVA, 2013). No entanto, diante das entrevistas realizadas, evidencia-se a impossibilidade de separação dos aspectos positivos e negativos em relação a um mesmo vínculo: há ambivalência em praticamente todas as relações, incluindo-se as relações familiares. Notou-se ainda como o gênero dos participantes ressalta a diferença nos discursos: mulheres tendem a se referir aos conflitos de forma mais sutil, demarcando um lugar social de enunciação em que sentimentos negativos em relação a pessoas próximas devem ser evitados.

Foi possível abarcar contribuições tanto do conceito Apego (vínculo com ideias e pessoas já falecidas) quanto das teorias que consideram a Rede Social (a usuária Esmeralda e sua aproximação à igreja; a importância dada pela usuária Ana ao apoio recebido no Centro de Convivência) na compreensão dos dados obtidos. Tanto aspectos internos (sentimentos, memórias) quanto externos (busca por novos vínculos e evitação de outros) puderam ser destacados nas entrevistas. Observou-se que idosos vivendo na comunidade, por terem maior atividade social (nas falas, os vínculos atuais têm maior destaque do que os antigos), não possuem necessariamente mais vínculos ou maior qualidade destes – mas maior possibilidade de ampliação da rede social, por não estarem circunscritos a um único ambiente institucional. No entanto, na instituição, há também preservação dos vínculos, muitas vezes através da memória: o vínculo não é necessariamente formado com as pessoas com quem convivem, mas, na acepção de "apego", pode ser atualizado através de memórias, objetos e atividades realizadas dentro da instituição.

Nota-se, desta forma, que o contexto em que os idosos se inserem não necessariamente e isoladamente determina a qualidade, a presença ou a perda de seus vínculos. Ele pode restringir

(mas não impedir totalmente), a possibilidade de ampliação de rede social, no caso da institucionalização, mas não influenciar decisivamente sobre como os idosos configuram seus vínculos. Os participantes demonstram ainda como têm um papel ativo no uso que fazem do contexto, que pode ter múltiplos significados: a instituição, por exemplo, pode significar proteção contra vínculos hostis ou a possibilidade de manutenção de um papel social. Dessa forma, conclui-se que os contextos operam como circunscritores à medida em que se combinam a fatores da história de vida de cada pessoa, favorecendo, assim, a reconstituição, perda e manutenção de vínculos.

Referências

- ANTONUCCI, T. C.; AKYIAMA, H. Social networks in adult life and a preliminary examination of the convoy model. **Journal of Gerontology**, 42(5), 519-527, 1987.
- BALTES, P.; LINDENBERGER, U.; STAUDINGER, U. Life span theory in developmental psychology. Em DAMON, W; LERNER, R. (Eds.), **Handbook of child psychology: Theoretical models of human development** (pp. 569-595). New Jersey: John Wiley & Sons, Inc, 1998.
- BOCCHI, S. C. M. et al. Entre o fortalecimento e o declínio do vínculo voluntário-idoso dependente em um centro-dia. **Escola Anna Nery**, p. 757-764, 2010-12 2010. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452010000400015<_pt >.
- BOWLBY, J. **Apego e Perda** (Apego, vol. I). São Paulo: Martins Fontes, 1990. Texto original: 1969.
- BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.
- BRASIL. **Resolução Nº 466/2012**, de 12 de Dezembro de 2012. Publicada no Diário Oficial da União, nº 12, 13 de junho de 2013, Seção 1, p. 59. Recuperada em 15 de maio de 2015, de <http://www.conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>
- COSBY, P. C. **Métodos de pesquisa em Ciências do Comportamento**. São Paulo: Editora Atlas, 2003.
- DEBERT, G. **A Reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/FAPESP, 1999.
- ERIKSON, E. **Identidade, Juventude e Crise**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1976. Texto original de 1959.

BRASIL. **Estatuto do Idoso - Lei nº 10.741**. (2003, 1º de outubro). Recuperado em 08 de abril de 2015, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm

FIORI, K. L.; SMITH, J.; ANTONUCCI, T. C. Social Network Types Among Older Adults: A Multidimensional Approach. **Journal of Gerontology: Psychological Sciences**, 62(6), 322-330, 2007.

IBGE. **Resolução no. 3**, 27 de novembro de 2014. Publicada no Diário Oficial da União, 1º de dezembro de 2014, Seção 1, p. 88.

JOFRÉ ARAVENA, V.; SANHUEZA ALVARADO, O. Evaluación de la sobrecarga de cuidadoras/es informales. **Cienc. enferm**, v. 16, n. 3, p. 111-120, 2010/12PY - 2010 Disponível em: < http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext& >.

KALISH, R. A.; KNUDTSON, F. W. Attachment versus disengagement: A life-span conceptualization. **Human Development**, v. 19, n. 3, p. 171-181, 1976. Disponível em: < <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84925900321&partnerID=40&md5=0583c108ef593ffe136dbe1fc8309e8e> >.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Política Nacional Do Idoso, Lei nº 8.842** (1994, janeiro).

LEWIS, M. The Child and Its Family: The Social Network Model. **Human Development**, 48, 8-27, 2005.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Atlas, 7a ed, 2010.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde**. Hucitec-Abrasco, Rio de Janeiro, 1993.

NERI, A. L. O que a Psicologia tem a oferecer ao estudo e à intervenção no campo do envelhecimento no Brasil, hoje. Em: NERI; YASSUDA, & M. Cachioni. **Velhice bem-sucedida: Aspectos afetivos e cognitivos**. Campinas: Papyrus (Coleção Vivacidade), 2004.

PAULA-COUTO, M. C. P. et al.. Adaptação e utilização de uma medida de avaliação da rede de apoio social - diagrama da escolta - para idosos brasileiros. **Universitas Psychologica**, 7(2), 493-505, 2008.

RODRIGUES, A. G.; Silva, A. A. A rede social e os tipos de apoio recebidos por idosos institucionalizados. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, 16(1), 159-170, 2013.

ROSSETTI-FERREIRA, M.C.; AMORIM, K. S; SILVA, A. P. S. Rede de Significações: alguns conceitos básicos. Em ROSSETTI-FERREIRA et al. (Orgs.) **Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano**. (p. 23-34). Porto Alegre: Artmed, 2004.

SHERIDAN, M. J. et al. "Caring for One's Own": Variation in the Lived Experience of African-American Caregivers of Elders. **Journal of Ethnic and Cultural Diversity in Social Work**, v. 23, n. 1, p. 1-19, 2014. Disponível em: < <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84893312309&partnerID=40&md5=e51ae4560dcb06e6fa48d34eedea97ef> >.

SILVA, C. A. et al. Relacionamento de amizade na instituição asilar. **Rev Gaucha Enferm**, v. 27, n. 2, p. 274-283, 2006/00PY - 2006 Disponível em: < <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/4606/2526> >.

SPINK, M. J. P. (Org). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. 2 Ed. São Paulo: Cortez, 2000.

VAN ASSCHE, L. et al. Attachment in old age: Theoretical assumptions, empirical findings and implications for clinical practice. **Clinical Psychology Review**, v. 33, n. 1, p. 67-81, 2013. Disponível em: < <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84868232697&partnerID=40&md5=43b7769a808644260f50dabff7d62297> >.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **ENVELHECIMENTOATIVO: UMA POLÍTICA DE SAÚDE**, 2005. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf